



DEZ ANOS DO ACAMPAMENTO PRODUTIVO DOM TOMÁS BALDUÍNO EM GOIÁS: por uma reforma agrária popular já!

TEN YEARS OF THE DOM TOMÁS BALDUÍNO PRODUCTIVE CAMP IN GOIÁS: for a popular agrarian reform now!

Rayani Vieira Camargo¹

Edson Batista da Silva²

RESUMO

Este escrito analisa a conjuntura em que completa uma década de resistência do Acampamento Produtivo Dom Tomás Balduíno, em Formosa/Goiás, focando nos instrumentos de luta dos trabalhadores rurais sem terra em busca da reforma agrária e na ação letargica do Estado. A pesquisa qualitativa revela que a produtividade do acampamento e a organicidade do movimento social são essenciais para enfrentar as ameaças do capital na expansão do agronegócio.

Palavras-chaves: luta pela terra; agronegócio; movimento das/os trabalhadoras/es rurais sem terra

INTRODUÇÃO

A luta pela terra e por reforma agrária no Brasil é uma luta por sobrevivência. Da invasão territorial aos séculos de colonização, a formação socioespacial do país evidencia o roubo de territórios indígenas, o sequestro de povos do continente africano e a concentração destas terras nas mãos de poucos grupos. Forma-se assim, ainda no Brasil Colônia, o grande latifúndio. Seu batistério marca-se pela Lei nº 601, de 1850 (Oliveira, 1997), legalizando a propriedade privada das terras roubadas por europeus. Assim, partimos da compreensão de que, historicamente, este país passa por diferentes desafios sociopolíticos vinculados à questão agrária.

No século XXI, ainda é a propriedade latifundista da terra que rege as bases políticas, sociais e econômicas do Brasil, reprimindo as possibilidades de transformação social e democratização do território brasileiro (Martins, 1994). Assim como faziam os primeiros colonizadores, que impuseram para estas terras a produção monocultora para exportação ao mercado europeu, de espécies como cana-de-açúcar, café e algodão, hoje produzem grãos em *commodities* como soja e milho, exportados para América do Norte e Ásia, por exemplo (Stedile, 2012).

Na contemporaneidade, a luta de camponesas e camponeses sem terra revela-se dialeticamente enquanto uma luta anticapitalista, contra a grande propriedade privada da terra, buscando autonomia, emancipação humana, soberania alimentar e liberdade, resistindo às expropriações e às expulsões violentas, em uma luta geracional. Ocupar a terra ainda é o maior instrumento de luta para os povos do campo. Nela, estes sujeitos se ressocializam, plantam e colhem enquanto resistem a subordinação ao capital.

No limiar do século XXI, o Centro Oeste brasileiro perpassa pela expansão da produção agrícola e a ampliação do domínio territorial capitalista. O processo de modernização do Cerrado goiano promove, com base na violência, a expulsão de povos do campo e da floresta, em nome da apropriação de projetos modernos de expansão capitalista como a mineração, as hidrelétricas, o turismo predatório e o agronegócio (Gonçalves, 2019).

No caso goiano, há em curso uma experiência significativa que em 2024 completou uma década de luta pela terra contra as mazelas do grande latifúndio. O Acampamento Produtivo Dom Tomás Balduíno inicia sua marcha pela reforma agrária popular em 2014, quando aproximadamente três mil famílias organizadas no Movimento das/os Trabalhadoras/es Rurais Sem Terra (MST), ocuparam uma das 90 fazendas que compõe a Agropecuária Santa Mônica, de posse do então senador Eunício Oliveira (PMDB/CE), entre os municípios de Alexânia, Abadiânia e Corumbá (GO) (Talga, 2017). É da resistência deste povo que propomos tratar nesta escrita.

Por objetivo, propõe-se averiguar a conjuntura em que se completa uma década de resistência do Acampamento Produtivo Dom Tomás Balduíno, no nordeste goiano, de modo a identificarmos as estratégias de luta da comunidade para romper com a concentração de terras em Formosa/Goiás, descrevendo a trajetória percorrida pelas/os camponesas/es sem terra, a partir da tríade da Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização (TDR). E assim, analisar as ações do Estado brasileiro em sua letargia ante a efetivação de uma pontual reforma agrária no nordeste goiano.

Neste país, com base hegemônica de uma oligarquia violenta, identifica-se a necessidade em registrarmos os processos de luta que permeiam o campesinato brasileiro no século XXI. Propomos fazê-lo, tendo como luz, a comunidade que constitui o decênio de resistência no/do Acampamento Produtivo Dom Tomás Balduíno, no nordeste goiano. Assim como, compreender os motivos em torno da indolência do Estado brasileiro na efetivação da reforma agrária na região. Ademais, justificamos a pesquisa no que tange a contribuição com o pensamento geográfico brasileiro, em especial no campo da Geografia Agrária, a partir do prisma de uma pesquisadora camponesa.

METODOLOGIA

Partindo do levantamento, leitura e fichamento do referencial teórico-político acerca da temática sugerida, os procedimentos metodológicos que norteiam essa pesquisa nos encaminham ao trabalho de campo, munido da caderneta de campo nas três áreas que compõem o referido acampamento. Utilizou-se do método de observação sistemática da paisagem campesina, associada a caminhadas transversais nas áreas, oportunizando o diálogo direto com os sujeitos camponeses. Durante o trabalho de campo, foi possível o registro fotográfico, audiovisual, bem como o colhimento de depoimentos em rodas de conversa. Tais elementos corroboram para a sistematização dos dados na elaboração de um artigo com base nos resultados da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A experiência do Acampamento Produtivo Dom Tomás Balduíno configura, até o momento, o maior acampamento de luta por terra e reforma agrária do estado de Goiás. Sua história, enraizada com coragem, organização, resistência e esperança, percorre uma longa estrada dentro questão agrária brasileira, em um estado de base política dominada há gerações por uma oligarquia latifundiária que aprisiona nossas terras.

O fenômeno previamente identificado, vai além de uma simples Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização (TDR). As três mil pessoas que marcharam na primeira ocupação em 31 de agosto de 2014, passam por esse processo de forma mais complexa, devido aos contra-ataques do capital via a legalidade da reintegração de posse que beneficia o agronegócio.

Na coleta de depoimentos dos acampados, revelam sua trajetória: ocupam a Fazenda Santa Mônica (Corumbá/GO), passam pelo primeiro despejo e migram para o Centro de Formação e Produção Agroecológica Santa Dica dos Sertões (Corumbá/GO). O processo se repete: ocupam a Fazenda Santa Mônica, são despejados e voltam para o Centro de Formação (Corumbá/GO). Neste momento, acordos foram feitos com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e com o Governo Federal, o que encaminhou para a desmassificação de parte do grupo.

Naquele contexto, as famílias que aguardavam no Centro de Formação (Corumbá/GO) dividiram-se: cerca de 300 migraram para o município de Piranhas/GO, onde foi conquistado o Assentamento Che Guevara em 2025 e, pouco mais que 500 famílias territorializam o Acampamento Dom Tomás Balduíno no Complexo Vale Verde, nas fazendas Crixás, Cangalha e Porteirinha, no município de Formosa, nordeste do estado de Goiás. Este grupo camponês ainda aguarda a conquista do Projeto de Assentamento (PA).

A conjuntura interna em 2025 aponta que o grupo, inicialmente formado por 3.000 famílias, no momento é sustentado por cerca de 218 famílias que ainda resistem na espera da conquista do Assentamento Dom Tomás Balduíno. Celebrada a década de resistência do grupo, evidenciamos a capacidade produtiva que permeia a permanência no acampamento. A conquista de acesso à Política Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), enquanto acampados, se traduz como um marco histórico para a luta por reforma agrária no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de organização e a produtividade do trabalho camponês sem terra é posto em contraste com as largas extensões territoriais em que o agronegócio intensifica a monocultura, com expressivo uso de agrotóxicos, concentrando terras nos enormes latifúndios. Verifica-se que a produtividade da comunidade e a organicidade estruturada e mantida pelo Movimento das/os Trabalhadoras/es Rurais Sem Terra são forças vitais ante ao confronto com as ameaças do agronegócio e do Estado brasileiro.

Em conclusão, as e os acampados do Dom Tomás Balduíno sobrevivem em alerta com as violências no conflito socioterritorial intensificado pelos agentes do agronegócio, ao passo que produzem alimentos a partir dos princípios da agroecologia, enquanto resistem à espera da conquista da terra.

A vivência com as famílias acampadas fortalece a esperança ao ver no campo a variada produção de alimentos saudáveis; a juventude e os adultos ocupando as universidades brasileiras e latinoamericanas; a diminuição do analfabetismo entre adultos e idosos, que também se dedicam aos estudos de formação político-social; a organicidade de um grupo que em muito se diferem, mas que tem no objetivo comum, a capacidade de forjar a possibilidade de uma nova sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ pela produção deste resumo expandido, visto que a dissertação do qual se origina tem sido realizada com apoio do projeto de pesquisa n.º 409.268/2023-2. Também agradecemos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PrP), pela garantia de bolsa de pós-graduação, com provisão de condições para realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

MARTINS, José de Souza. O PODER DO ATRASO - Ensaios de Sociologia da História Lenta. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A FRONTEIRA AMAZÔNICA MATO-GROSSENSE: GRILAGEM, CORRUPÇÃO E VIOLÊNCIA. Vol. 1 e 2. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1997.

STEDILE, João Pedro. A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL: O debate na esquerda - 1960-1980. 2o Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis. Levantados do chão: território e resistência. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais. V. 8, n. 1, p. 249-267, jan./jul. UEG/Campus Iporá, Goiás: 2019.

TALGA, Dagmar Olmo. Comunicação e luta pela terra em Goiás: estudo a partir do acampamento Dom Tomás Balduíno. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, 2017